

# Dr. Robert Reid Kalley

## e o estabelecimento do Presbiterianismo em Portugal e no Brasil

---

*Apesar de todo o  
sofrimento por que passou  
em território português,  
o seu coração,  
enformado de autêntico  
espírito cristão,  
onde abundava o dom  
do discernimento, jamais  
foi tocado por qualquer  
compreensível animosidade  
para com os Portugueses,  
como temos ocasião  
de perceber, pela carta  
dirigida aos madeirenses  
de Illinois, em Janeiro  
de 1855, em que dá conta  
da sua entusiástica  
intenção de embarcar  
para o Brasil e dedicar-se  
à difusão do Evangelho  
no seio de comunidades  
de língua portuguesa.*

**Rui A. Costa Oliveira**

*Centro de Estudos  
em Ciência das Religiões*

---

---

### *Introdução*

---

Em meados do século XIX, mais concretamente entre 1838 e 1846, em circunstâncias que se afiguram ocasionais, foi implantada, pela primeira vez, em território português, uma Igreja Reformada. Veio pela mão de um médico inglês, Robert Reid Kalley, e teve a sua primeira comunidade no Funchal, ilha da Madeira. Tinham, então, passado mais de três séculos, desde a célebre rebeldia luterana (1517) que deu origem à dolorosa cisão na Igreja de Roma, donde emergiu a Reforma Protestante.

Durante esses trezentos anos, o homem europeu tinha chegado ao fim do Mundo e estabelecido relações em todas as latitudes, e a Europa tinha sofrido a maior transformação política, económica e religiosa de toda a sua história, com enormes avanços e desenvolvimentos em todos os domínios do conhecimento humano. Fernão de Magalhães (1480-1521) havia entrado no Pacífico, em 1519, navegando para Ocidente, e, ao demonstrar a esfericidade terrestre, dera lugar a um paradigma novo que franqueou aberturas ao pensamento e às ambições, escancarando a Terra; Nicolau Copérnico (1473-1543) assestara as leis do heliocentrismo; Galileu (1564-1642) planetizara a Terra, reconduzindo-a à sua subalternização em relação ao Sol; as artes da Guerra haviam enriquecido a sonoridade metálica das espadas com o contra-ataque troante dos canhões; o Mundo assistira ao dealbar da «galáxia» de Gutenberg (1450), que permitiu a

rápida difusão do conhecimento pelos seus quatro cantos; Portugal e a Espanha haviam construído impérios e assistido ao começo das suas derrocadas; a América, então descoberta, viu-se povoada, colonizada e independente (1776); a França dera ao Mundo o modelo da sua Revolução e a Declaração dos Direitos dos seus cidadãos (1789); o capitalismo implantava-se com o seu corolário de sacrifícios aos deuses do individualismo, da ganância e da usurpação; o Sacro-Império, formado por Otão, em 962, já fazia parte de um passado histórico; e as Luzes já iluminavam o pensamento europeu há cerca de cem anos; no entanto, só em pleno século XIX, a Reforma entrava em Portugal de uma forma institucionalizada, não sem alguns custos e sofrimentos, e mesmo assim apresentando-se com ares de importação.

No Brasil, depois da tímida tentativa calvinista de Nicolas de Villegaignon, entre 1555 e 1567, em que se destacou a acção de Jean de Léry, só no conturbado período da união das coroas ibéricas (1580-1640) é que a Igreja Reformada – através do impulso político do príncipe holandês João Maurício de Nassau-Siegen – teve oportunidade de ali se implantar. Mas, logo que restabelecida a soberania portuguesa, desceu a cortina da intolerância religiosa em território do Brasil e, durante 150 anos, os protestantes viram-se dali arredados.

Será já com a fixação da coroa portuguesa no Rio de Janeiro, em 1810, e com a celebração do Tratado de Comércio e Navegação, entre Portugal e Inglaterra, cujo artigo 12.º estabelecia a tolerância religiosa aos imigrantes protestantes, que se irão criar as condições de implantação de uma igreja reformada, surgida, apesar disso, só em 1827, com a fundação da Comunidade Protestante Alemã-Francesa, que congregava luteranos, reformados alemães, franceses e suíços, essencialmente imigrantes<sup>1</sup>.

As razões que subsistiram, durante tão longo período e de forma tão determinante, contendo qualquer permeabilização da sociedade às ideias da Reforma são essencialmente de ordem geográfico-social – Portugal, país periférico, rural, pouco urbanizado e de baixa densidade populacional, apesar disso com os seus elementos mais válidos empenhados nos descobrimentos, perdidos no interior dos campos e nas guarnições militares, situa-se fora dos eixos de influência e de cruzamento das inovadoras correntes de pensamento e onde se geram as grandes tensões sociais – e, secundariamente, as de ordem político-religiosa, em que se incluem o poder régio absoluto e a Inquisição. E a acrescentar a estas circunstâncias singulares não podemos olvidar o interregno régio filipino, desairoso e desestruturador que, ao contrário do que possa parecer, favorecia as atmosferas de desconfiança e de delação em relação a todas as novidades de origem estranha.

Do que mudou posteriormente, só tardiamente se pode falar e, por esse facto, é que só em meados do século XIX foi possível encontrar uma assembleia protestante reunida para celebrar um culto religioso. Da forma como surgiu, quem animou e impulsionou esse surgimento e das dificuldades que o rodearam, tentaremos, aqui, fazer um pequena resenha.

---

<sup>1</sup>A tolerância religiosa, consagrada no Tratado de Aliança e Amizade e de Comércio e Navegação, entre Portugal e a Inglaterra, era, no entanto, bastante restritivo, uma vez que era exclusivamente aplicável à comunidade estrangeira residente no Brasil ou em trânsito. No articulado explicitava-se a proibição de fazer prosélitos e de falar contra a «religião oficial»; os locais de culto não poderiam assemelhar-se aos templos católicos; não podiam exhibir distintivos religiosos; e não podiam usar o sino como meio de chamar os fiéis. Mesmo depois da independência do Brasil, em 1822, a Constituição promulgada dois anos depois, no seu artigo 5.º, consagrava a liberdade religiosa, nos seguintes termos: «A religião católica apostólica romana continuará a ser a religião do Império. Todas as religiões serão permitidas com o seu culto doméstico ou particular, em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior de templo.» (Cf. [http://www.thirfmill.org/files/portuguese\\_19-1-2004](http://www.thirfmill.org/files/portuguese_19-1-2004).)

---

Dr. **R**obert Reil Kalley

---

O Dr. Robert Kalley tem nota biográfica obrigatória em todos os estudos da difusão da Reforma, a partir do século XIX, e de forma especial naqueles que privilegiam a missão protestante.

De facto, deve-se a este médico escocês a iniciativa de implantar uma comunidade protestante em território português – na ilha da Madeira, entre 1838 e 1846 – e, no Brasil, o estabelecimento da primeira igreja protestante com serviços religiosos em língua portuguesa, entre 1855 e 1876.

Robert Reid Kalley nasceu em 1809, na Escócia. Estudou Farmácia e Medicina, em Glasgow, donde saiu diplomado em Cirurgia e Farmácia, em 1829, e, doutorado em Medicina, em 1838. No ano seguinte, foi-lhe reconhecida, através de defesa de tese, a competência médico-cirúrgica, pela Faculdade de Medicina de Lisboa e, em 1859, pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Os seus pais – Robert Kalley e Jane Reid Kalley – eram comerciantes bem sucedidos de Glasgow e membros dedicados da Igreja Livre da Escócia (Presbiteriana). Ficou órfão de pai, ainda antes de completar 1 ano de idade, e perdeu a mãe aos 6 anos, tendo ficado a cargo do seu padrasto, David Kay, homem também devotado à Igreja, que lhe dispensou cuidados iguais aos dos filhos do seu anterior casamento.

Aos 16 anos, Robert Kalley entrou na Universidade e, a partir de então, enveredou pelo mais absoluto agnosticismo. São estas palavras que, no seu diário, dedicou a este período da sua vida:

«Bastante jovem ainda, propus-me estudar os vários ramos da ciência. Com a ajuda do microscópio, investigava maravilhas da Natureza, invisíveis à vista desarmada. Com a ajuda do telescópio, penetrei o vasto espaço sideral, conhecendo as distâncias, a dimensão imensa e a grande velocidade dos corpos celestes. Como resultado dessas investigações, cheguei à conclusão que me era impossível aceitar a doutrina da existência de um Ser Divino, e nessa convicção continuei por muitos anos.» [...] «Fui um infiel, acostumado a desprezar toda a religião, sentindo grande gozo na frieza, nas trevas e na exibição da infidelidade...»<sup>2</sup>

Curiosamente, seria no desempenho da actividade profissional e através do testemunho de uma sua doente que o Dr. Kalley reencontraria os caminhos da fé cristã. Profundamente tocado pela postura de fé dessa paciente, acometida de doença em estado terminal, viu-se constrangido e forçado à reflexão, à introspecção e à decisão de aceitar o apelo de conversão que interpretou como um «chamamento» de Deus. E os seus primeiros passos de adesão à fé foram dirigidos para a Igreja onde, com apenas 38 dias, tinha recebido o Baptismo.

Os tempos que se seguiram à conversão foram vividos com aquela intensidade que se conhece das grandes paixões, quando o coração e a mente humanas parecem não consentir limites na extravasão da alegria que os acomete. Para o Dr. Kalley, a Inglaterra tornara-se pequena para se expandir e pôr em prática os planos de missão que o coração lhe ditava e, então, resolveu partir em missão para a China.

---

<sup>2</sup>Michael P. TESTA, *O Apóstolo da Madeira (Dr. Robert Reid Kalley)*, Lisboa, 1963, Igreja Evangélica Presbiteriana de Portugal, p. 20.

Porém, viu-se constrangido a adiar esses planos, em virtude do surgimento de problemas com a saúde da esposa.

Neste ponto, convém esclarecer que a Sociedade Missionária de Londres, a quem Kalley submetera a sua disponibilidade para a missão, em resposta, lhe recomendou que, enquanto se organizava a viagem para a China, «procurasse aprofundar os seus conhecimentos em alguns ramos da ciência médica e da Teologia»<sup>3</sup> e encaminhou-o, então, para a Universidade de Glasgow. Mas, algum tempo depois, ao saber das intenções de Kalley em contrair matrimónio com Miss Margareth Crawford de Paisley, considerada uma jovem de precária saúde para enfrentar a vida de missão, o que poderia vir a prejudicar não só o trabalho do marido mas também acarretar despesas extras à Sociedade,

«resolveu informar Mr. Kalley que em vista do propósito manifestado em sua carta de 27 de Janeiro [1838], de consorciar-se, sem mais delongas, com uma senhora cujo estado de saúde não parece ser o mais satisfatório para a vida missionária, os directores resolvem cancelar a sua indicação como missionário dessa sociedade.»<sup>4</sup>

Este contratempo provocou no Dr. Kalley talvez alguma surpresa ou, quem sabe, tristeza ou indignação, mas não lhe provocou qualquer desgaste nas suas intenções, pois decidiu levar adiante os seus intentos, assumindo esse custo a suas próprias expensas. Da sua reacção dão-nos conta os arquivos da Sociedade Missionária de Londres:

«Como as circunstâncias poderiam possivelmente mostrar-se contrárias à sua viagem, ele desejava ser informado de todas as despesas lançadas em sua conta, e, como estava em posição de fazer face às suas próprias despesas, não desejava sobrecarregar a Sociedade com nenhum gasto durante o tempo dos seus estudos preparatórios.»<sup>5</sup>

### A experiência da Madeira

Ponderadas as questões que se lhe punham na conciliação dos aspectos relativos à saúde da jovem esposa e os da missão, Kalley resolveu procurar um lugar de clima temperado, para a recuperação da saúde dela, de forma a fortalecê-la para o poder acompanhar nos seus propósitos. A fama da ilha da Madeira, destino preferido de muitos ingleses que ali passavam grandes temporadas, parecia reunir as condições ideais, e acabou por ser o local escolhido, tendo os Kalley desembarcado no Funchal, no dia 12 de Outubro de 1838. As condições que encontraram, o sossego, a afabilidade do povo e o clima acabaram por transformar aquilo que se pretendia fossem uns meses de convalescença e retemperamento de forças em 8 anos de intenso labor missionário com conseqüências tão extensas que acabariam por determinar toda a vida de missionário do Dr. Kalley.

Após a chegada à Madeira, e enquanto a esposa recuperava a sua saúde, o Dr. Kalley passou a dedicar-se à comunidade inglesa ali residente. No entanto, passados os primeiros tempos da adaptação, e constatando que os ingleses da ilha já tinham ao

<sup>3</sup>Michael P. TESTA, *ibidem*, p. 22.

<sup>4</sup>IDEM, *ob. cit.*, p. 24.

<sup>5</sup>Actas da Comissão Examinadora, l. 7, p. 379, Sociedade Missionária de Londres, a 30 de Janeiro de 1838, *apud* Michael P. TESTA, *ob. cit.*, pp. 23-24.

seu serviço dois médicos, enquanto que as populações locais viviam no maior abandono sanitário e num atraso cultural pungente, a pouco e pouco, passou a adiar os anteriores projectos para a China e a dar prioridade à ajuda na resolução dos problemas que o rodeavam: a pobreza, a promiscuidade, o alcoolismo, a iliteracia e a superstição. Em carta dirigida à Assembleia Livre da Escócia, explica a decisão do adiamento dos seus projectos anteriores, colocados em segundo plano, perante o novo quadro com que se deparava:

«Acho estranho encontrar-me numa pequena ilha no meio do oceano, em vez de avançar para onde supus ser o campo da minha chamada cristã – o mais largo e mais extenso campo de serviço cristão. Contudo, posso dizer: “Usa-me, Pai, como pareça melhor aos Teus olhos.”»<sup>6</sup>

Ao mesmo tempo que decidiu fazer-se reconhecer, pelas autoridades portuguesas, como cirurgião, tendo-se deslocado a Lisboa, para o efeito, em 1839, e submetido a provas na Faculdade de Medicina, no ano seguinte, iniciou a construção de um hospital com 12 camas, destinado a socorrer a população mais pobre da ilha, que era atendida gratuitamente, e a quem eram ministrados todos os serviços clínicos e medicamentosos. Seguiu-se uma intensa campanha de luta contra o alcoolismo, apoiada com diversa literatura mandada vir de Inglaterra, e que fez espalhar por toda a ilha, onde se explicavam os malefícios do álcool e se ensinavam as terapias para combater a sua dependência. Simultaneamente, e impressionado com a elevadíssima taxa de analfabetismo, deu começo a uma campanha de alfabetização, concretizada na criação de escolas domésticas, para as quais convidou diversos professores.

Nessas escolas era ministrado o ensino elementar, sendo as aulas diurnas, para as crianças, e, nocturnas, para os adultos. As adesões a esta iniciativa foram de tal forma inesperadas e espectaculares<sup>7</sup> que, em pouco tempo, já havia dezassete escolas com mais de oitocentos alunos. Calcula-se que, entre 1839 e 1845, tenham sido frequentadas por mais de dois mil e quinhentos alunos.<sup>8</sup>

Aliado ao esforço de alfabetização estavam os propósitos de missionação e, sob um bem esquematizado programa pedagógico, muitos alunos estabeleciam os primeiros contactos com as letras através da leitura da Bíblia. E, à medida que o adestramento na leitura e na escrita se solidificava, assim crescia o entusiasmo pela descoberta dos textos sagrados, com cada vez maiores adesões, como nos dizem as Notas do Dr. Kalley:

«Em 1839 uns poucos mostravam grande desejo de ler e ouvir a Palavra de Deus. Em 1840 este interesse cresceu um pouco e muitos adultos foram para a escola porque queiram aprender a ler a Bíblia. Em 1841 cresceu ainda mais. Em 1842, especialmente no Verão e no Outono, o povo acorreu em grande número para ouvir as Escrituras lidas e explicadas. Muitos deles caminhavam durante dez e doze horas e escalavam montanhas de mil metros de altitude à ida e à volta para suas casas; durante muitos meses, creio, não havia menos que um milhar de presenças cada Domingo; geralmente excediam os dois milhares; ocasionalmente três milhares e uma vez foram cerca de cinco mil.»<sup>9</sup>

<sup>6</sup> In Michael P. Testa, *ob. cit.*, p. 28.

<sup>7</sup> Este trabalho foi tão notório que mereceu das entidades oficiais um público louvor, em *Actas da Câmara do Governo Municipal da Cidade do Funchal*, do dia 25 de Maio de 1841, em que o Dr. Kalley era nomeado como «o bom doutor inglês» e o seu trabalho era caracterizado como «esforço filantrópico em favor dos pobres, doentes e analfabetos» (cf. *ob. cit.*, p. 34).

<sup>8</sup> Cf. *ob. cit.*, pp. 30-31.

<sup>9</sup> Michael P. TESTA, *ob. cit.*, pp. 32-33.

Passado algum tempo, o êxito do seu filantrópico trabalho de médico, pedagogo e missionário, granjeou-lhe vastas simpatias por parte dos populares com quem contactava e a quem dispensava desvelada atenção, e esse reconhecimento verificava-se nas inúmeras adesões às suas ideias religiosas.

Aquele povo, faminto de saúde, de educação e de cuidados, e, de certa maneira, desgostoso das suas instituições que pouco correspondiam aos seus anseios e necessidades, surgiu aos olhos do Dr. Kalley como o bíblico «rebanho sem pastor». Enceitou o trabalho de congregação dos simpatizantes, fidelizando-os à fé reformada, em assembleias muito concorridas e participadas<sup>10</sup>, onde os cânticos e a música desempenhavam um especial papel, com impacte profundo na pequena sociedade insular:

«Por todos os recantos da ilha se podia encontrar gente que conhecia os “hinos calvinistas”, nome dado à versão métrica dos salmos traduzidos.»<sup>11</sup>

Os ecos deste sucesso chegaram longe, e a publicação inglesa *B&FBS Report*, em 1845, afirmava «que o movimento já tinha milhares de seguidores e era tão sólido que se tornara claramente irreversível.»<sup>12</sup>

Como seria de prever, não tardaram as reacções adversas a tanto sucesso, por parte de responsáveis das instituições locais político-religiosas postas em causa, que começavam a sentir os efeitos da censura subliminar aos órgãos de poder, acusados da precariedade de vida, e a erosão que tomava conta dos fiéis do Catolicismo atraídos, cada vez mais, por práticas religiosas mais próximas das suas vidas.

Começaram as ameaças e as perseguições, além da propaganda de desacreditação de Kalley, com o consentimento e a instigação do Governador da Ilha e de alguns clérigos católicos, que culminou com o seu encarceramento durante seis meses e a prisão e espancamento de muitos dos seus seguidores<sup>13</sup>. Sucediavam-se as pressões governativas e eclesíásticas e os assaltos imprevistos e indiscriminados por instigadas arruaças populares, que actuavam acobertados pela impunidade que os «ouvidos moucos» e as «vistas largas» das autoridades permitiam.

No auge da reacção, os Kalley viram a sua casa assaltada e os seus pertences atirados à rua e queimados, e tiveram de se refugiar – o Dr. Kalley a bordo de um barco inglês ancorado no Funchal, para onde foi conduzido sob disfarce, e a esposa, em casa do cônsul inglês.

<sup>10</sup> As assembleias culturais organizadas pelo Dr. Kalley seguiam o modelo das igrejas congregacionais. As igrejas deste tipo de organização são autónomas e independentes, e surgiram, em Inglaterra, nos fins do séc. XVI e início do séc. XVII. O nome advém-lhes do seu sistema de governo, essencialmente assente em dois princípios: a) «Cada congregação de fiéis, unida pela adoração, observação dos sacramentos e disciplina cristã, é uma igreja completa, não subordinada na sua administração a qualquer autoridade eclesíástica senão a da sua própria assembleia.»; b) «tais igrejas locais estão em comunhão umas com as outras e intercomprometidas no cumprimento de todos os deveres resultantes dessa comunhão.» (Cf. Rev. Manoel Bernardino de Santana Filho, in <http://www.anglicanismo.net/ecumenismo001.htm>, 14-12-2003.)

<sup>11</sup> IDEM, *ibidem*, pp. 35-36.

<sup>12</sup> *B&FBS, Forty-First Report, 1845*, p. 94, apud David G. VIEIRA, *O Protestantismo, a Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil*, 2.<sup>a</sup> ed., Brasília, 1980, p. 114.

<sup>13</sup> A prisão do dr. Kalley, ao abrigo de uma lei contra a heresia, de 1603, levou também para a prisão cerca de três dezenas dos seus seguidores, dos quais um chegou a ser degredado para a Angola [José Ferreira Lomelino, e outro, uma mulher, Maria Joaquina Alves, mãe de sete filhos, viu a sua condenação à morte transformada em dois anos e seis meses de prisão. (Cf. Luís Aguiar SANTOS, «A transformação do campo religioso português», in *História Religiosa de Portugal*, coordenação de Manuel Clemente e António Matos Ferreira, 7 vols., s/l, 2000, Círculo de Leitores, III vol., p. 450; e M. TESTA, *ob. cit.*, pp. 43 e 53.)

Perante o quadro que se seguiu de insegurança e de intolerância, os Kalley viram-se forçados a regressar a Inglaterra e a maioria dos habitantes que haviam aderido à Igreja Reformada foram compelidos à emigração, tendo rumado para as Índias Ocidentais, Estados Unidos e Brasil, onde seriam semente de inúmeras comunidades protestantes que ainda hoje se reúnem e oram em português.

«A capacidade de Kalley transformar a sua experiência pessoal numa expressão religiosa perceptível por uma parte da população da ilha ficou patente nas adesões que conseguiu cimentar, ao ponto de grande parte dessas pessoas vir a preferir exilar-se a negar a vivência a que aderira.»<sup>14</sup>

Depois da hecatombe que se abateu sobre os pioneiros protestantes da Madeira, em 1846, de que resultou a saída dos Kalley e a emigração forçada de cerca de dois mil madeirenses, o que restou dessa comunidade desceu ao limbo da clandestinidade, reunindo-se em locais afastados, e estudando a Bíblia às escondidas, até ao ano de 1875.<sup>15</sup>

Segundo as informações oficiais da época, a «heresia calvinista» parecia erradicada, pois já não se conhecia ninguém que defendesse as ideias da Reforma. No entanto, de vez em quando, surgiam sinais de que a realidade não correspondia bem ao que se pensava, pelas declarações, por exemplo, de um grupo de madeirenses chegados a Illinois, em 1853, que declararam que havia pelo menos mil habitantes da ilha que se mantinham fiéis ao Protestantismo.

Sabe-se hoje que, efectivamente, assim era, pois apesar de se manterem bem vigiados os movimentos suspeitos, sempre encontraram meios de realizar alguns cultos e de fazer oração bíblica comunitária<sup>16</sup>. Trinta anos depois, porém, e devido a novas condições políticas, foi possível reactivar a missão protestante na Madeira, pois, até aí, a Igreja da Escócia (ou a Sociedade Missionária de Londres) deixaram de apoiar qualquer iniciativa que afectasse as relações com Portugal e afrontasse a Igreja oficial, ou pusesse em perigo a segurança dos ingleses que viviam na ilha, para os quais, no entanto, continuavam a nomear pastores para os seus cultos, unicamente em língua inglesa.

<sup>14</sup>Luís Aguiar SANTOS, *ob. cit.*, p. 449.

<sup>15</sup>Segundo opinião de alguns historiadores e sociólogos, esta encarnizada perseguição político-religiosa, naquela época, só é explicável devido à instabilidade política e social por que Portugal passava. Durante cerca de dez anos, a que corresponde o período da agitação da Madeira, viveram-se em Portugal momentos de grande turbulência política que oscilaram entre o máximo laxismo institucional, provocado por inúmeras revoltas e golpes militares, e a mais férrea ditadura que caracterizou muitos dos governos de Costa Cabral. A tudo isto há que acrescentar a evolução por que passaram, também, as relações da Igreja Católica com o Estado que variaram entre a popular contestação até à aproximação da Igreja e do Liberalismo, celebrado com o reatamento das relações diplomáticas entre Lisboa e a Santa Sé, em 1841-42, de que resultou a retoma do poder eclesiástico e o acerbamento de posições das suas alas mais reacçãoárias e comprometidas politicamente, para quem a harmonia e a unicidade nacional exigia uma única religião para um único reino. Por parte da Grã-Bretanha, também não se pode desvalorizar o efeito do relacionamento um pouco afectado entre a Igreja oficial (o Anglicanismo) e a Igreja Livre da Escócia (tida por dissidente do Presbiterianismo oficial escocês) a que pertencia o Dr. Kalley, e que talvez explique o tardio apoio que este recebeu, além das políticas conciliatórias que sempre foram oficialmente defendidas. (Cf. Luís Aguiar SANTOS, *ob. cit.*, p. 450-451; *História de Portugal em Datas*, António Simões RODRIGUES (coord.), s/l, 1994, Círculo de Leitores, pp. 332-342.)

<sup>16</sup>Foram especialmente apoiados, nestes casos, pela capelania presbiteriana do Funchal, tolerada porque estava formalmente constituída para apoio religioso dos residentes estrangeiros. (Cf. Luís Aguiar SANTOS, *ob. cit.*, p. 450.)

Os dois anos que se seguiram à saída tempestuosa da Madeira, passou-os o Dr. Kalley entre a Escócia e a Inglaterra refazendo-se do efeito dos acontecimentos por que passara e preparando-se para continuar a servir o Evangelho em terras de missão, longe da sua pátria.

De 1848 a 1850, esteve em Malta, onde a par da sua actividade missionária, foi médico e professor. E, os dois anos que se seguiram – de 1850 a 1852 – passou-os na Palestina, entre os Judeus, aproveitando-os também para aprofundar os seus conhecimento geográficos e históricos da Terra Santa. Em Janeiro de 1852, passou por outro mau momento com o falecimento da sua esposa que de tanto arrimo lhe servira durante a experiência da Madeira, e que ficou sepultada em Beirute.

Entre 1853 e 1854, Kalley, já casado em segundas núpcias com Sarah Poulton Kalley, que se revelaria uma extraordinária companheira e uma dedicadíssima missionária, além de «talentosa escritora, musicista e poetisa»<sup>17</sup>, passará algum tempo com as prezadas comunidades de madeirenses refugiados em Illinois e na ilha da Trindade, onde foi recebido com grandes manifestações de regozijo, de calor humano e de inexprimível alegria.

Depois destas visitas às «suas» comunidades madeirenses e retemperado pelos testemunhos recebidos que indicavam sólidas implantações, em território americano, de comunidades fiéis ao Evangelho recebido e bem animadas pelo Espírito, regressou a Londres.

Entretanto, chegadas ao conhecimento do Governo britânico as circunstâncias da saída dos Kalley da Madeira, este interveio, diplomaticamente, junto das autoridades portuguesas que se dispuseram a indemnizar o médico e pastor escocês pelas perdas e danos sofridos. Porém, a forma tardia e sinuosa por que passou este ressarcimento marcou definitivamente o Dr. Kalley que, de futuro, em contextos semelhantes, se mostraria sempre muito cauteloso e suspeito das afabilidades dos políticos e das aproximações dos católicos romanos, apesar de ter mantido algumas amizades, tanto no campo católico, como político, nos diversos locais por onde passou, como o testemunha a convivialidade que terá mantido com o bispo do Funchal ou conforme diz David Vieira: «A despeito da sua falta de confiança nos políticos, Kalley fez amizade com alguns membros do Parlamento brasileiro.»

Contudo, e apesar de todo o sofrimento por que passou em território português, o seu coração, enformado de autêntico espírito cristão, onde abundava o dom do discernimento, jamais foi tocado por qualquer compreensível animosidade para com os Portugueses, como temos ocasião de perceber, pela carta dirigida aos madeirenses de Illinois, em Janeiro de 1855, em que dá conta da sua entusiástica intenção de embarcar para o Brasil<sup>18</sup> e dedicar-se à difusão do Evangelho no seio de comunidades de língua portuguesa:

«Rogai a Deus que me abra o caminho para o lugar onde Ele deseje os meus serviços. Alimento a esperança de que possa ser entre Portugueses, onde não

<sup>17</sup> Cf. Michael P. TESTA, *ob. cit.*, p. 90. A Sarah Kalley se devem também muitos hinos evangélicos de língua portuguesa (cf. Luís Aguiar SANTOS, *ob. cit.*, p. 450).

<sup>18</sup> Segundo consta, a sua paixão pelo Brasil foi-lhe suscitada pela leitura que fez, quando passou pelos Estados Unidos, do livro *Reminiscências de Viagens e Permanências nas Províncias do Sul e Norte do Brasil*, do Rev. Daniel P. Kidder, publicado em 1845. (Cf. Rev. Manoel Bernardino de Santana, in <http://www.an-glicanismo.net/ecumenismo001.htm>, 14-12-2003.)



há Bíblias nem pregadores do Evangelho; e se for este o caso, talvez alguns de vós sintam grande alegria na oração e serviço a fim de que a Verdade de Deus seja conhecida entre aqueles que falam a vossa língua.»<sup>19</sup>

### O Brasil: outra realidade com alguns dos mesmos problemas

Em 10 de Maio de 1855, o Dr. Kalley e a sua esposa Sarah desembarcaram no Rio de Janeiro onde se iniciaria outro ciclo das suas empenhadas vidas missionárias, bem frutuoso mas também aqui, não sem alguns dissabores.

Três meses após a chegada, já estavam instalados e envolvidos na fundação de uma pequena comunidade com Escola Dominical, organizada segundo os critérios congregacionais, que reunia, oficialmente, pela primeira vez em 19 de Agosto, com a inauguração da primeira classe bíblica para os portugueses do Rio de Janeiro. Esta comunidade seria o embrião da futura Igreja Evangélica Fluminense, «igreja-mãe do Congregacionalismo no Brasil e Portugal Continental»<sup>20</sup>.

As relações entre o Estado e as igrejas protestantes, que o Dr. Kalley encontrou no Brasil, num primeiro olhar, revestiam-se de aspectos no mínimo estranhos e, por vezes, paradoxais. Ao mesmo tempo que, por exemplo, o Imperador mantinha financeiramente a Igreja Luterana, apesar de a Igreja Católica ser a oficial, Kalley mantinha fortes suspeitas de a sua correspondência estar a ser violada, assim como assistia à prisão de alguns portugueses, seus seguidores, pelo facto de andarem a vender Bíblias.

A pouco e pouco, foi percebendo que, frequentemente, o poder político recorria à religião para fins das suas lutas partidárias. Na sequência dessas suspeitas está o que sucedeu quando, certo dia, foi convidado a comparecer na Câmara dos Deputados para assistir às acusações que um deputado da oposição iria dirigir contra o Ministro do Império, a propósito da atitude do chefe da Polícia local, que proibira um português de vender Bíblias, e Kalley recusou frontalmente assistir a essa interpelação, pois

«desconfiava fortemente dos políticos brasileiros que utilizavam o protestantismo como arma para combater o Governo, pois essas pessoas mudavam de atitude e perseguiam os protestantes, uma vez obtido o poder a que aspiravam»<sup>21</sup>.

Ele mesmo terá ouvido da boca do responsável da Igreja Luterana de Petrópolis, Rev. Jacob Daniel Hoffman, a confiança de que a liberalidade imperial para com a sua igreja era uma forma de padroado, que os impedia de agir livremente e lhes cerceava as iniciativas, pois tinham que se submeter a constantes justificações e aceitar a permanente vigilância, e o próprio Rev. Jacob deu provas dos seus constrangimentos, tempos depois, quando passou a evitar ser visto em público com o Dr. Kalley, logo que se constou que este tinha estado no centro dos acontecimentos da Madeira e que tinha sido preso pelas autoridades portuguesas<sup>22</sup>.

O conhecimento desses factos difundiram-se céleres pelo Brasil, e o ambiente de suspeição em que se viu envolvido o Dr. Kalley, embora lhe trazendo algumas nuvens de incerteza ao seu dia-a-dia, não afectaram sobremaneira os primeiros quatro anos que foram passados dentro de uma certa acalmia.

<sup>19</sup> Michael P. TESTA, *ob. cit.*, pp. 92-93.

<sup>20</sup> IDEM, *ibidem*, p. 94.

<sup>21</sup> David G. VIEIRA, *ob. cit.*, p. 115.

<sup>22</sup> Cf. IDEM, *ibidem*, p. 117.

Porém, em 1859, espalhou-se a notícia da conversão ao Protestantismo de duas senhoras da aristocracia brasileira. Estas conversões eram atribuídas à acção de Kalley que, segundo se confirmou, as recebia em sua casa, onde assistiam aos serviços religiosos. O representante do Vaticano no Rio soube disto com grande indignação e deslocou-se pessoalmente ao palácio imperial para dar conta dessa afronta à Igreja hegemónica. E o efeito dessa visita foi a intimação de Kalley para se apresentar na Polícia, onde lhe foi comunicada a interdição do exercício da Medicina no Brasil, a partir daquele momento.

Como é que duas conversões podem basear uma interdição profissional é uma questão que parece sem nexo, no entanto, este facto revela algumas pistas sobre o que se estava tramando, havia algum tempo, nos bastidores políticos mais conservadores contra Kalley. Como é evidente, parece não haver base jurídica para duas conversões serem invocadas como razão de um interdito profissional. Mas isso é só na aparência, pois toda a argumentação se fundava em que o Dr. Kalley usava o exercício da Medicina para fins prosélitos, com a agravante de o fazer com a cumplicidade da sua esposa, em contravenção com as leis do Império, que não admitiam «a propaganda de doutrinas contrárias à religião oficial». Acrescia ainda o facto de, conforme a acusação, o Dr. Kalley ser reincidente neste comportamento, pois ele estava na base das razões da sua prisão e posterior expulsão da Madeira, além dos tumultos sociais a que dera origem, segundo se constava, quando da sua passagem pela ilha da Trindade onde também teria agido com total desrespeito pelas leis do país que o acolhera.

Desta vez, o agente diplomático britânico, William Stuart, tomou a seu cargo o esclarecimento das razões que fundariam as acusações e aconselhou o Dr. Kalley a explicar-se.

As extensas explicações de Kalley rebatiam as acusações, principalmente nos aspectos que se relacionavam com a conversão das duas senhoras, pois elas apareciam em sua casa em companhia de outras pessoas e haviam-se convertido ao Protestantismo pela acção de um português que, em tempos lhes havia vendido duas Bíblias, assunto este a que Kalley era estranho; a sua comunidade não tinha nenhum brasileiro convertido, pois eram todos estrangeiros; e os conselhos que dava aos seus doentes eram de consolo espiritual e não de proselitismo, pois ele nunca havia feito sequer um único sermão em local público, no Brasil.

Todas estas explicações, acompanhadas da opinião legal de três notáveis juriconsultos brasileiros, foram encaminhadas pelo agente diplomático às autoridades da Província do Rio, e pareceram-lhes suficientemente legítimas e razoáveis pelo que deram o assunto por encerrado. Há quem acrescente que Kalley, na expectativa de ser expulso, teria ameaçado fazer uma campanha em toda a Europa, junto dos países protestantes, onde o Brasil habitualmente aliciava imigrantes, informando-os da forma como ali tratavam os seguidores da Reforma.

Apesar da decisão das autoridades do Rio, as pressões continuaram por outras vias e Kalley viu-se confrontado com uma ordem de despejo da casa que habitava, assim como as senhoras, convertidas recentemente que, perante as permanentes ameaças e perseguições, tiveram de sair de Petrópolis, além dos seguidores portugueses que, constantemente, sofriam ameaças de prisão.

Kalley estava a chegar aos seus limites e reflectia, intimamente, na razoabilidade de continuar a sustentar tanta intolerância e insegurança, quando, inesperadamente,

sem se fazer anunciar, no dia 28 de Fevereiro de 1860, lhe entrou pela porta dentro, em pessoa, o próprio Imperador do Brasil. Este acontecimento, interpretado imediatamente, pelos seus delatores, como uma exigência de retirada, revelou-se, logo a seguir, de sentido absolutamente contrário, quando se soube que a visita imperial se prendia com um convite feito por Dom Pedro II para que o Dr. Kalley se deslocasse ao Palácio de Verão, para ali dar uma conferência sobre a Terra Santa, que supostamente conheceria bem, pois tinha lá estado bastante tempo. A interpretação final dessa visita indica que este acto revelava que o Imperador tinha Kalley em muito apreço e pretendia sossegá-lo e acabar com as permanentes questiúnculas que corriam acerca dele.

É evidente que tudo isto veio dar um novo folgo e esperança a Kalley que, de repente, se viu muito solicitado, e de uma forma especialmente notada, pelos irmãos de confissão religiosa que, até aí se tinham mostrado arredios e pouco solidários. No entanto, os problemas de fundo, aqueles que se relacionavam com a interpretação da Constituição brasileira, no que tocava à liberdade de culto, prevaleciam e extremavam-se as posições dos seus intérpretes, o que, por arrasto, afectava muito o trabalho missionário de Kalley.

«Sustentava-se que o protestantismo era algo apenas para os estrangeiros e que o seu culto só podia ser realizado na intimidade do lar ou numa casa de oração sem a forma exterior de templo. Outrossim, “entendia-se”, ainda que não estivesse escrito na Constituição, que esse culto tinha de ser dirigido numa língua estrangeira.»<sup>23</sup>

Ora, pelo menos no que se refere ao último período da transcrição, tornava-se muito problemática a interpretação, pois a língua portuguesa não era estrangeira – portanto, não podia ser a língua do culto protestante –, mas os fiéis da igreja eram-no – e estes tinham todo o direito de celebrar o culto na sua língua.

Como devemos perceber, este era o terreno em que se digladiavam os políticos ultramontanos e os liberais, com as consequências que se adivinham, a que devemos acrescentar a má vontade de muitos deles, movidos por sentimentos de lastração xenófoba, antiportuguesa (por reminiscências coloniais) e antibritânica (por resquícios do bloqueio marítimo inglês à costa brasileira, em tempos idos), já não falando da influência da clerezia «oficial» que se encontrava disseminada por todo o tecido social.

Os tempos que se seguiram até ao regresso dos Kalley à Grã-Bretanha, em 1876, foram entremeados de períodos de acalmia com períodos de perseguição e violência religiosa, e os protestantes, por simples obra e circunstância histórica, viam-se sempre envolvidos nas lutas sociais que giravam à volta do grande tema constitucional do Brasil que era o da conciliação da tolerância religiosa com a absoluta necessidade de importar colonos para o seu povoamento<sup>24</sup>, principalmente dos países de confissão protestante.

Os jornais digladiavam-se, conforme as suas tendências, na defesa da legalidade que proibia as «reuniões ilícitas» e a propaganda religiosa diferente da oficial – e os

<sup>23</sup> David G. VIEIRA, *ob. cit.*, p. 123.

<sup>24</sup> Com a abolição da escravatura, no princípio da década de 1850, a necessidade de acolher imigrantes transformou-se numa das prioridades governativas de todos os políticos brasileiros.

cultos protestantes eram assim considerados – e os que achavam que os novos tempos do desenvolvimento que se queria não podiam pactuar com esses constrangimentos e limitações que cheiravam a medievalidade. A estes últimos juntavam-se os esforços do Dr. Kalley que, no *Correio Mercantil*, mantinha colaboração assídua e, por vezes, bem contundente e que, na edição de 29 de Outubro de 1860, deixava uma pergunta para reflexão à sociedade brasileira: – Como pode o Brasil esperar conseguir colonos protestantes quando entende tão pouco sobre tolerância?

Posteriormente, a pressão que os jornais liberais e os países protestantes representados no Rio de Janeiro exerceram sobre as autoridades e a opinião pública começou a fazer-se sentir e começou a notar-se algum alívio, como se pode depreender do conteúdo da circular que o Chefe da Polícia fez distribuir, em 19 de Agosto de 1861, lembrando a todos os delegados policiais que o artigo 5.º da Constituição estabelecia tolerância para todas as religiões, e que não devia haver interferências nas reuniões dos acatólicos. Advertindo ainda acerca das penalidades em que incorriam – arts. 276.º, 277.º e 278.º do Código Penal – os que não respeitassem a legalidade constitucional.

Em 1864, ia-se mais longe, e o editor do *Fluminense*, na sessão da Câmara Municipal de Niterói, propunha como solução para a desgastante questão religiosa: a separação da Igreja do Estado, «uma Igreja livre num Estado livre». Mas, à medida que se notavam avanços nas ideias liberais, radicavam-se algumas posições conservadoras, veiculadas por outros jornais, como, por exemplo, o *Cruzeiro do Brasil*, em que, abertamente, se defendia que o «povo» tinha o direito de fazer «justiça» por suas próprias mãos, e de punir aqueles que «ofendiam» a Igreja, e que o «povo» estava farto da inércia das autoridades.<sup>25</sup>

O resultado deste extremar de posições era, normalmente, a violência de ambos os lados, ora atingindo os protestantes (como sucedeu nos motins de Niterói, em 1864, em que Kalley quase perdeu a vida) ora atingindo os católicos (por exemplo, contra Dom Cardoso Aires, em 1869 e, contra os Jesuítas, em Pernambuco, em 1873).

Em 1876, quando o Dr. Kalley e a sua esposa regressaram à Grã-Bretanha, no Brasil deixavam 21 anos de lutas políticas e sociais, renhidas e muito intensas, além de muito trabalho feito na assistência médica, no ensino, na missionação cristã, desenvolvido com total dedicação e grande espírito de solidariedade humana. Por todo o Brasil, ficaram inúmeras amizades, cimentadas na adversidade, algumas delas com origem nos pioneiros e difíceis tempos da Madeira e que para ali haviam sido transplantadas, ali germinaram, floresceram e deram frutos abundantes, muitas vezes com efeitos de retorno a Portugal.

No Brasil ficaram também as frutuosas sementes de milhares de Bíblias, distribuídas pelos seus colportores, num trabalho diligente e profundo, e as igrejas de Niterói e Pernambuco que, juntamente com a Igreja Evangélica Fluminense, «com todas as suas missões largamente disseminadas, foram os elementos que deram origem às Igrejas Congregacionais do Brasil. E outras congregações surgiram igualmente do trabalho missionário do Dr. Kalley, cuja responsabilidade ele colocou noutras mãos»<sup>26</sup>, como por exemplo da igreja no Recife.

<sup>25</sup> Cf. David G. VIEIRA, *ibidem*, p. 127.

<sup>26</sup> Cf. Michael P. TESTA, *ob. cit.*, p. 100.

---

## Os Presbiterianos

---

«Todo o presbiteriano é, por definição, reformado e, em teoria, calvinista. Porém, nem todos os calvinistas são presbiterianos.»

ALDERI SOUZA DE MATOS<sup>27</sup>

A afirmação da epígrafe permite, de forma clara, entender muito da realidade das igrejas reformadas.

Para um observador desprevenido, acostumado às aceras disputas em defesa do monolitismo religioso, tido por elemento caracterizador e primordial da estrutura eclesial cristã, quaisquer divergências ou cisões no seio de uma igreja, mesmo se puramente de aspecto organizacional, sempre soarão a grave atentado à unidade e risco de grave divisão. Porém, no seio do Protestantismo, estes factos, normalmente, são entendidos e geridos com certa naturalidade, como no-lo deixa explícito o autor epígrafado, que acrescenta:

«Ao dizermos que somos reformados, calvinistas e presbiterianos, ficam implícitos outros dois elementos igualmente importantes da nossa identidade, que nos lembram que não estamos sozinhos na caminhada: somos cristãos e somos evangélicos. Se de um lado devemos valorizar a nossa herança, de outro lado não nos devemos tornar exclusivistas, lembrando que o corpo de Cristo é maior do que o movimento ao qual estamos ligados.»<sup>28</sup>

Por este facto, não é de estranhar que, no mesmo espaço territorial, possam coexistir diversas denominações protestantes, com as suas práticas de culto e estruturas organizacionais diferenciadas, permutando, por vezes, apoios e solidariedades e, outras vezes, sustentando reservas e suspeitosas animosidades, tudo sempre muito dependente do carácter ou da afabilidade dos respectivos responsáveis que as dirigem, mas pouco tendo a ver com aspectos doutrinários divergentes de fundo. Não raro sucedem-se até transferências de quadros de uma para outra denominação ou negociam-se fusões, dando corpo a novas realidades eclesiais.

Embora de inspiração presbiteriana, vimos como as comunidades fundadas pelo Dr. Kalley se implantavam e desenvolviam de uma forma independente e autónoma, sem outros recursos além dos que a própria estrutura eclesial conseguia gerar e administrar. Sabe-se que o casal Kalley, em atitudes de generosidade inextinguível, puderam dispor de meios de fortuna pessoal para empreender diversificadas iniciativas missionárias, no entanto, na maioria dos casos, nem sempre se reuniram essas circunstâncias excepcionais que permitissem dispensar a supervisão de uma superestrutura institucional.

### Presbiterianos no Brasil

Embora o Dr. Kalley, de tradição presbiteriana, já estivesse, desde 1855, no Brasil, só se considera como efectivamente implantada, ali, a Igreja Presbiteriana, a partir da

---

<sup>27</sup> «Quem são os Presbiterianos», in <http://anglicanismo.net/ecumenismo/ecumenismo004.htm> (14-2-2003).

<sup>28</sup> IDEM, *ibidem*.

chegada do Rev. Ashel Greem Simonton<sup>29</sup>, em 1859, enviado da Junta de Missões da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos.

A obra do Rev. Simonton irá beneficiar directamente não só do trabalho do Dr. Kalley, iniciado quatro anos antes, e que lhe merecerá largos elogios, de que encontramos eco em Michael Testa:

«[Simonton] conheceu logo Dr. Kalley e ficou muito impressionado com ele e com o trabalho que já tinha conseguido realizar, independentemente de qualquer Sociedade Missionária»<sup>30</sup>

como de todo um exército de antecessores protestantes de outras denominações que, desde o início do século XIX já desbravavam o sertão brasileiro, contactando populações e distribuindo milhares de Bíblias e Evangelhos. Desses sertanejos pioneiros destaca-se o inestimável trabalho dos anónimos colonos imigrados dos países protestantes da Europa<sup>31</sup> e de muitos expedicionários enviados por igrejas norte-americanas, onde sobressaem os nomes dos Revs. James Cooley Fletcher<sup>32</sup> e Daniel Kidder<sup>33</sup>, cujos escritos, ainda hoje são referência bibliográfica obrigatória de qualquer estudo sócio-antropológico acerca do Brasil e sua diversidade cultural e étnica.

Simonton utilizou, gratificado, os canais que os seus antecessores lhe facultaram e, de imediato, se esforçou por construir amizades e garantir apoios. Aproveitou os primeiros tempos para exercer o seu ministério junto de comunidades de língua inglesa, enquanto, a pouco e pouco, se familiarizava e aprendia o português. De seguida,

<sup>29</sup> Ashbel Green Simonton (1833-1867) era natural da Pensilvânia, tendo iniciado os seus estudos em New Jersey, onde pretendia receber qualificação para professor ou advogado, acabou por ingressar no Seminário Teológico de Princeton, depois de se sentir tocado vocacionalmente por um reavivamento religioso, em 1855. Foi ordenado pela Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos e, seguindo o impulso missionário suscitado por um sermão do teólogo Charles Hodge, seu professor, rumou para o Brasil em 1859, com 26 anos de idade. Ali morreu, com apenas 34 anos, em 1867, vítima da febre amarela que, três anos antes, já vitimara a sua também jovem esposa.

<sup>30</sup> In *ob. cit.*, p. 98.

<sup>31</sup> Entre os diversos contingentes de imigrantes colonos provenientes da Europa, lembra-se aqui o de 1819, proveniente da Suíça, composto de 2006 elementos de que só chegaram 1668, pois 334, não aguentando as exigências da viagem, morreram durante a deslocação. Deixaram na pátria de origem todos os seus haveres e familiares para enfrentarem, no Brasil, o árduo trabalho de desmatagem, de arroteamento de campos virgens, a agressividade dos naturais indígenas que viam o seu território invadido e um clima impiedoso que, só no primeiro ano, chegou a prostrar pela doença, mais de 600 colonos. Foram os gloriosos fundadores, em 1820, da cidade de Nova Friburgo, no estado do Rio de Janeiro. «A cidade de Nova Friburgo teve sorte. A sua fundação não deriva de um mito como Roma, de um desejo de uma deusa como Atenas ou de milagre de Santa (Genoveva), como Paris. Ela vem da vontade de um homem. Dom João VI desejou construir uma cidade de homens livres e não de escravos. E coube à Suíça realizar esse projecto inovador para a consciência humana e, principalmente, para a história do Brasil.» (Cf. <http://www.guiafriburgo.com.br/guiafriburgo/cidade/historia/cento.htm>, 27-06-2004.)

<sup>32</sup> O Rev. Fletcher (1823-1901) era um missionário presbiteriano norte-americano. Trabalhou no Brasil, entre 1851 e 1865. Percorreu todo o litoral e interior do Brasil, chegando a penetrar na Amazónia. Juntamente com o Rev. Daniel Kidder, escreveu um livro paradigmático para o entendimento das culturas e dos povos do Brasil, *Brasil e os Brasileiros*, publicado em 1867. Foi ele que influenciou o Dr. Kalley e sua esposa a irem para o Brasil.

<sup>33</sup> O Rev. Daniel Kidder (1815-1891) era membro da Igreja Metodista norte-americana. Durante três anos, a partir de 1837, percorreu os estados do Rio de Janeiro, S. Paulo e parte do Norte do Brasil. Foi um missionário muito atento e observador, e deixou o resultado de tudo o que viu em várias obras. Escreveu, juntamente com o Rev. Fletcher, *Brasil e os Brasileiros*, mas o seu livro, *Reminiscências de Viagens e Permanências nas Províncias do Sul e Norte do Brasil*, foi dos trabalhos que mais ajudaram à difusão da realidade brasileira, nos Estados Unidos e que, segundo se crê, influenciaram sobremaneira o Dr. Kalley a decidir-se pelo apostolado brasileiro.

dele se aproveitou também o Dr. Kalley para a direcção de cultos em português, pois, considerando-se alvo fácil dos ódios ultramontanos de quem era muito conhecido, via no Rev. Simonton um inestimável contributo que, em qualquer dos casos, acreditava estar mais bem protegido pela diplomacia americana do que ele pela diplomacia inglesa de que tinha má experiência pelo que passara na Madeira.

Ashbel Simonton fez uma criteriosa leitura da realidade e percebeu as mudanças sociais favoráveis às propostas de Kalley porque

«o país tinha estado clamando por imigração e parecia estar fazendo tudo o que era possível para conseguir imigrantes. Via inúmeros sinais de que por amor à imigração, muitos do Governo estavam querendo não somente pôr de lado alguns preconceitos antigos como também realmente defender o direito de os protestantes viverem e terem a religião que quisessem»<sup>34</sup>

pelo que decidiu aceitar o convite, depois de informar o Conselho de Missões Estrangeiras.

No princípio de 1860, Simonton encetou os primeiros contactos officiosos com vista a dar início ao culto presbiteriano em língua portuguesa. Teve encontros com a representação diplomática do seu país, na pessoa do cônsul Robert Scott e contactou por escrito o ministro plenipotenciário norte-americano Richard Meade, que lhe garantiram total protecção para o seu trabalho missionário, aconselhando-o, no entanto, a ser prudente de forma «a não ofender a Igreja Católica». Simonton, não só seguiu à risca esses conselhos como decidiu privilegiar, num primeiro momento, as zonas urbanas, mais protegidas, evitando o interior onde muitas vezes os princípios constitucionais eram «letra morta».

Em meados desse ano, a 25 de Julho, o entusiasmo posto nos primeiros esforços de Simonton recebeu novo impulso com a chegada de dois valiosos colaboradores: o seu cunhado Alexander Lattimer Blackford e de sua irmã Elizabeth Wiggins Simonton. Pouco tempo depois, Blackford estreitou laços de amizade com o ministro plenipotenciário norte-americano que, um ano depois, acabaria por convidá-lo a assumir a sua posição de Encarregado de Negócios na legação americana, em Julho de 1861, enquanto não fosse nomeado outro ministro, o que veio a suceder em Outubro desse ano. Os três meses em que Blackford esteve à frente da legação norte-americana foram muito bem aproveitados na construção de amizades «na alta-roda do Império» que lhe serviriam mais tarde, quando se decidiram a enfrentar o Brasil interior.

Durante o ano de 1860, Ashbel Simonton fez a sua primeira incursão pelo interior, chegando à cidade de S. Paulo. Durante o percurso, que aproveitou para vender Bíblias, foi fazendo o levantamento da realidade religiosa do sertão. Ia acompanhado de várias cartas de recomendação, que lhe permitiram alguns acessos a personalidades influentes de temperamento liberal, em quem encontrou abertura suficiente para acreditar numa expansão bem sucedida para esses lugares. Além da indiferença religiosa que encontrou em vastos sectores sociais de S. Paulo, constatou, surpreendentemente, que os seguidores do protestantismo luterano eram muitos, especialmente ingleses e alemães. No entanto, estes últimos, constituindo uma colónia imigrante de 6000 membros, estavam na iminência de ficarem sem serviços religiosos, por falta de pároco que os abandonara para assumir um emprego em virtude da paróquia não lhe garantir o suficiente para alimentar a família.

<sup>34</sup> David G. VIEIRA, *ob. cit.*, p. 137.

Simonton escreveu ao Conselho da Missão e pediu-lhes o envio de um missionário que dominasse o alemão, de forma a garantir a assistência religiosa àquela comunidade. Foi-lhes, então, enviado o ministro presbiteriano de origem alemã, Francis Joseph Schneider (1832-1910).

Depressa começaram a surgir alguns problemas, em virtude de divergências teológicas, entre fiéis luteranos e pastor presbiteriano, relacionadas com a administração do Baptismo, que os luteranos exigiam para os seus filhos e que o pastor presbiteriano recusava administrar a crianças. Perante a radicalização de posições, sucedia, frequentemente, que muitos pais acabavam por apresentar os filhos à Igreja Católica para ali serem baptizados. E o problema crescia, quando se punha a questão de educar os filhos, segundo o protestantismo ou segundo o catolicismo. Para esses pais, o pedido do baptismo para os filhos significava simplesmente um acto sacramental indispensável à salvação cristã, enquanto que para as autoridades católicas, que invocavam a livre iniciativa desses pais, o baptismo na Igreja Católica tinha o sentido de uma fidelização ao Catolicismo, com todas as consequências, em que se incluía a futura educação cristã que devia ser em registo católico. Como seria de calcular, dividiam-se as opiniões e intensificavam-se as influências oficiais, mas sempre com desfechos inconciliáveis, agravados ainda, por parte de Schneider, com a recusa da Comunhão aos pais que não se haviam submetido à sua disciplina. Acusava-se o pastor presbiteriano de conservadorismo retrógrado e, nessa campanha, inexplicavelmente, surgia o antigo pároco luterano, ao mesmo tempo que a comunidade se mostrava rebelde a qualquer disciplina eclesiástica que envolvesse intrusão nas suas vidas e opções pessoais. Perante este insustentável quadro missionário, Schneider deixou São Paulo e regressou ao Rio de Janeiro, no início de 1863, e, simultaneamente, o antigo pároco luterano acabou por reassumir a paróquia. Esta experiência presbiteriana em terrenos luteranos fracassou completamente, mas deixou indicações precisas quanto aos limites do trabalho a empreender ou, pelo menos, em relação às dificuldades com que se teria de contar.

Em Outubro desse mesmo ano, o Rev. Alexander Blackford, cunhado de Simonton, decidiu reocupar o lugar de Schneider. Começou por se dedicar à comunidade dos ingleses de São Paulo que, nesse período, se encontravam empenhados na construção do caminho-de-ferro e, a partir desta cidade, passou a fazer algumas incursões ao interior do estado. Numa dessas viagens teve a oportunidade de contactar e travar amizade com um padre católico – Padre José Manuel da Conceição – fortemente crítico e contestatário do Catolicismo, conhecido pelos populares como o «Padre Protestante»<sup>35</sup>. O resultado dessa amizade foi a abjuração da fé católica por parte do Padre José Manuel da Conceição e a sua adesão à Igreja Presbiteriana, em 2 de Outubro de 1864. Recebeu ordens na nova confissão, em 1865, o que lhe mereceu a sentença de excomunhão do Catolicismo, em 29 de Dezembro de 1866, e ainda um pedido de condenação à morte por parte de um deputado da Câmara Provincial de São Paulo, em 1867. Até à sua morte, em vésperas de Natal de 1873, trabalhou no jornal *Imprensa Evangélica*<sup>36</sup>, no serviço religioso de assistência aos portugueses calvinistas de Illinois, nos Esta-

<sup>35</sup> O percurso de vida deste padre, convertido ao Presbiterianismo, está tratado com minúcia por Boanerges RIBEIRO, no seu livro *O Padre Protestante*, editado pela Casa Editora Presbiteriana, em São Paulo, em 1950.

<sup>36</sup> Este jornal – publicado entre 1864 e 1889 – foi fundado por Simonton e Blackford, tendo em vista criar uma tribuna de imprensa em que se pudessem rebater os argumentos dos ultramontanos católicos que, diariamente, enchiam as páginas dos jornais da sua influência, atizando o povo contra os cultos



dos Unidos, oriundos do êxodo da ilha da Madeira, e no meio dos seus familiares e antigos amigos e paroquianos, no interior do Estado de São Paulo, onde as suas pregações o seu testemunho lhe mereceram alguma veneração e muitas adesões ao Protestantismo.

O trabalho empenhado de Simonton que, oito anos depois de chegar ao Brasil, morreria vitimado pela febre-amarela, e o posterior trabalho do seu cunhado Blackford e sua irmã, e dos outros colaboradores que chegaram do Norte dos Estados Unidos – Schneider, Chamberlain (fundador da Escola Americana que se transformaria na Universidade Mackenzie), John Kolb, John Kyle, Robert Lenington e George Landes – ia dando abundantes frutos e as jovens comunidades, enriquecidas com as muitas adesões locais, de que se destacam o memorável ex-Padre José Manuel da Conceição e os obreiros António Trajano, Miguel Torres, Modesto Carvalhosa, António Cerqueira Leite e João Fernandes Dagama (português da Madeira), iam-se subdividindo noutras e alastrando por São Paulo, Brotas, Rio de Janeiro, Baía, Sergipe, Lorena, Borda da Mata e Sorocaba, Nova Friburgo, Paraná.

Um pouco mais tarde, chegaria o sangue renovador de contributos da Igreja Presbiteriana do Sul do Estados Unidos – George Morton, Edward Lane, John Rockwell Smith, DeLacey Wardlaw, Dr. George Butler e Emanuel Vanorden (judeu de origem holandesa) –, de que beneficiarão todos os presbiterianos do Brasil, mas em especial Campinas e o Colégio Internacional (mais tarde deslocado e transformado em Instituto Gammon), Mogiana, Minas Gerais, Goiás, Alagoas, Amazónia, Recife, Fortaleza, Pernambuco e Rio Grande do Sul.

Dos Estados Unidos chegaram ao Brasil também algumas missionárias educadoras que deixaram ali o seu nome bem registado: Mary Dascomb, Elmira Kuhl, Nannie Henderson e Charlotte Kemper.

À medida que a implantação presbiteriana se ia solidificando, iam-se também complexificando as teias de relação entre as diversas comunidades entre si e com as outras denominações protestantes, e nem sempre com a harmonia que se desejava, de que resultavam tensões e desentendimentos com algumas cisões e fracções, por vezes, dolorosas. Normalmente resultavam de interpretações divergentes das situações locais, entre responsáveis estrangeiros e nacionais. Em 1888, por exemplo, perante uma agudização crescente da ambiência presbiteriana, foi organizado o Sínodo da Igreja Presbiteriana do Brasil de que resultou a separação da Igreja brasileira da Igreja-mãe dos Estados Unidos, autonomizando-se muitos dos corpos eclesiais locais que puderam adoptar livremente metodologias de missão mais conformes com as realidades sociais de cada lugar. Deste sínodo saíram decisões que determinaram definitivamente a nova imagem do Presbiterianismo no Brasil, com o mapeamento dos espaços de influência, criação de Presbitérios novos, reestruturação das escolas existentes e a fundação de Seminários de formação, de que resultou um intenso reavivamento de todas as comunidades.

---

protestantes em língua portuguesa e o seu trabalho prosélito. Nele escreveram, de forma continuada, muitos responsáveis protestantes, de que se destaca o Dr. Kalley, defensores acérrimos da tolerância religiosa, além de inúmeros políticos liberais e maçónicos anticlericais. Fazia parte também dos planos editoriais fazer deste órgão um púlpito donde se pudesse proclamar o Evangelho e a doutrina protestante, visando especialmente aqueles que, por razões várias, se viam impedidos ou inibidos de assistir às assembleias da Igreja reformada. Os 25 anos da sua publicação, dominados por intensa colaboração e correspondência, nas áreas jornalística, política e literária, ficaram definitivamente marcados pela colaboração fortemente politizada do Padre José Manuel da Conceição, António José dos Santos Neves, Júlio César Ribeiro Vaughan e o Dr. Miguel Vieira Ferreira. (Cf. David G. VIEIRA, *ob. cit.*, p. 149.)

Politicamente, a questão religiosa ia-se transformando cada vez mais num assunto eminentemente nacional, tratado com as máximas cautelas pelos governantes que, permanentemente, se viam envolvidos nas encarniçadas lutas entre ultramontanos e liberais de todos os sectores políticos e religiosos. As ideias novas sopradas pelos ventos europeus vinham carregadas de contestação ao antigo regime e chegavam como uma violenta aragem que escancarava as janelas dos «direitos individuais», suscitando desejos de tolerância e de paz social ao mesmo tempo que originava violentas reacções contra a arrogância do preconceito e do caciquismo.

A turbulência dos alicerces sociais era muito bem evidenciada pelo combate de ideias veiculado pela imprensa das diversas tendências. Nesse combate ideológico sobressaíram muitos nomes de presbiterianos ou de aliados protestantes, alguns chegando a ocupar lugares de muita importância na estrutura estatal brasileira.

ANTÓNIO JOSÉ DOS SANTOS NEVES (1827-1874), natural da Baía. Filiado na Igreja Presbiteriana, desde 1863, exercia o lugar de taquígrafo no Senado e era funcionário do Ministério da Guerra. Para Blackford, Santos Neves era um homem talentoso e até mesmo um génio que, ao longo da sua vida, se notabilizou «como escritor literário, redactor de jornal e em actividades afins»<sup>37</sup>.

JÚLIO CÉSAR RIBEIRO VAUGHAN (1845-1890), natural de Minas Gerais, era filho de pai americano e de mãe brasileira. Entrou no Presbiterianismo, em 1870, pela mão de Schneider a quem chamava «meu pai em Jesus Cristo». Foi professor de latim, francês e italiano e ardoroso pregador, apesar de nunca ter sido ordenado. A sua fé, no entanto, não resistiu à perda de um filho e foi assaltado por uma grande crise religiosa que o levaria de volta ao ateísmo, depois de ter percorrido os caminhos dos livres-pensadores racionalistas e do Positivismo e de se ter desavindo com muitos dos seus antigos amigos que talvez não o tenham conseguido compreender e amparar. Permaneceu, porém, sempre como destemido defensor da liberdade religiosa.

MIGUEL VIEIRA FERREIRA (1837-1895) nasceu em São Luiz do Maranhão. Tinha formação em Física e Matemática e era oficial do Exército, na Arma de Engenharia. Desde cedo revelou simpatias pela República e o seu nome surge associado ao movimento de formação do Partido Republicano, ao Manifesto Republicano de 1870 e à criação do jornal *República*. Surge também nas campanhas de alfabetização promovidas pela Grande Loja Maçónica, em 1869. E, em 1871, é um dos fundadores e professor da Escola Internacional (a que já aludimos atrás), de orientação protestante, em Campinas. Em 1873, segundo Blackford, juntamente com o filho e outros familiares, passou a ser «frequentador assíduo da Igreja Presbiteriana»<sup>38</sup> e, em 1874, foi eleito presbítero da sua comunidade. Em 1879, a sua manifesta propensão para o misticismo, mal entendido pelos responsáveis norte-americanos, determinariam a sua expulsão do Presbiterianismo, tendo fundado com muitos dos seus seguidores a Igreja Evangélica Brasileira. O seu irmão mais velho, Capitão Luiz Vieira Ferreira, que também o seguiu, sucedendo-lhe como ministro da nova Igreja, é o autor de muitos dos cânticos religiosos que ainda hoje constam dos hinários das diversas igrejas protestantes brasileiras.

Deputado JOAQUIM GOMES DE SOUSA (1829-1864), também conhecido por «Sousinha», nasceu no Maranhão. Sempre considerado muito precoce, distinguiu-se intelectualmente

<sup>37</sup> Cf. David G. VIEIRA, *ob. cit.*, p. 150.

<sup>38</sup> Cf. David G. VIEIRA, *ob. cit.*, p. 155.

em todos os lugares por onde passou: Escola de Medicina do Rio de Janeiro, onde durante os três anos que a frequentou, recebeu sempre distinção *optime cum laude* em todas as disciplinas; Escola Militar do Rio de Janeiro, onde, aos 19 anos, recebeu o título de «Bacharel de Ciências Físicas e Matemáticas» e, quatro meses depois, recebeu o grau de doutor e o direito ao lugar de professor de Matemática. Posteriormente, viajou pela Europa, onde casou com a filha de um dignitário da igreja inglesa, e acumulou diversas distinções e graus académicos em Inglaterra, Alemanha e França. Em 1857, com 28 anos, regressou ao Brasil para assumir o lugar de deputado no Parlamento imperial, para que tinha sido eleito e onde permaneceu até 1863, ano em que faleceu. O trabalho desenvolvido, que lhe merece esta menção, corresponde ao período de deputado em que se empenhou afincadamente na defesa da liberdade religiosa.

Deputado FRANCISCO DE PAULA BELFORT DUARTE é aqui mencionado pelos seus esforços, no Parlamento, na interpelação feita ao Ministro do Império acerca da confiscação das Bíblias e ameaças de prisão feitas ao colportor Torquato Cardoso. Das suas intervenções resultou uma decisão favorável ao colportor, embora lhe tenha custado inúmeros ataques por parte dos ultramontanos que o acusavam de ligações «a certo grupo que tem pretensões ao domínio do Brasil». Mais tarde será encontrado como parte empenhada no derrube da Monarquia, tendo sido um dos membros do governo provisório da República. A sua esposa, em 1885, estava filiada à Igreja Presbiteriana no Maranhão.

TAVARES BASTOS, *o Amigo a Toda a Prova*, era um ilustre advogado que via no Protestantismo o veículo da inovação e do progresso que queria para o Brasil. Empenhou-se sempre na defesa das causas protestantes e sempre se mostrava solícito em esclarecer aspectos das jurisprudência e em ajudar a encontrar caminhos que contribuíssem para uma imagem pública e legal do protestantismo. A ele recorriam também assiduamente os responsáveis protestantes de cada vez que se confrontavam com a burocracia ou com os impedimentos «legais» arranjados pelas forças que se lhes opunham. Em 1874, a sua causa, no Parlamento, consistia na campanha a favor da separação da Igreja do Estado.

Os nomes que mereceriam ser acrescentados, pelo contributo prestado à instalação da Igreja Presbiteriana no Brasil, seriam muito mais numerosos, mas estes correspondem a testemunhos-padrão que representam bem o leque social das adesões dos primeiros 15 anos e das dificuldades que tiveram de ser enfrentadas.

### **Pequena síntese histórica da implantação do Presbiterianismo em Portugal**

Tal como ficou dito, foi com a chegada do Dr. Robert Kalley à ilha da Madeira, em 1838, que surgiu, em Portugal, o primeiro foco protestante de influência presbiteriana e que, em 1845, se constituiu, embora de forma não oficial, como Igreja Presbiteriana Portuguesa.

A expectativa de um desenlace feliz para esta tentativa foi frustrada, como também ficou atrás explicado e, um quarto de século depois (1870), com o apoio do capelão presbiteriano escocês de Lisboa, Robert Stewart (n. 1828) e com o entusiasmo e dedicação de um pastor de origem madeirense, António de Matos, surgirá a primeira con-

gregação presbiteriana, oficiosamente organizada, ainda dependente, no entanto, de uma igreja estrangeira, com apoios da Sociedade Missionária britânica.

O Pastor Antônio de Matos fazia parte daqueles grupos de madeirenses seguidores do Dr. Kalley que, em 1846, haviam deixado a Madeira rumo aos Estados Unidos. Nessa altura, ele ainda era uma criança que acompanhava os pais, mas já nos Estados Unidos estudou teologia e foi ordenado. Quando ele se encontrou com o pequeno grupo de presbiterianos de Lisboa, estava de passagem para a Madeira onde esperava visitar os locais da sua meninice e perscrutar a real situação dos resistentes, ao mesmo tempo que cultivava a esperança de ainda poder, ali, reacender a fé reformada. Porém, movido por razões inexplicáveis, acabou por ficar em Lisboa onde se empenhou em pôr em prática o que trazia em mente fazer na Madeira. Encontrou os apoios necessários junto da capelania escocesa, a cargo do Pastor Stewart, e juntou o seu ao entusiasmo do pequeno grupo lisboeta, abrindo uma casa de adoração, na Rua dos Fanqueiros. Mais tarde, juntamente com os presbiterianos escoceses, compraram ao Estado Português o antigo Convento dos Marianos, na Rua das Janelas Verdes, onde as duas comunidades – portuguesa e escocesa – repartiam os horários dos seus cultos.

Tempos depois, compraram um terreno na Rua Arriaga e começaram a construir um novo templo, para o qual se transferiram, tendo vendido o Convento dos Marianos a uma firma irlandesa que o passaria à Igreja Lusitana, de comunhão anglicana, em 1898.

Posteriormente, em 1911, foi conseguida a definitiva separação da capelania escocesa e, em 1913, foi obtido o reconhecimento da Igreja Presbiteriana de Lisboa, desta vez ficando dependente da Sociedade Brasileira de Evangelização. Sob a administração do Pastor João Marques da Mota Sobrinho, enviado do Brasil, as relações entre portugueses e escoceses deterioraram-se e acabaram por ditar a separação definitiva das duas comunidades, tendo a comunidade portuguesa, passado a reunir-se numas instalações na actual Avenida Dom Carlos. Depois, já com o Pastor Pascoal Pita, sucessor de Mota Sobrinho, as reuniões comunitárias passaram para a Rua de S. Bento.

Só em 1947, com o missionário português, naturalizado norte-americano e enviado pela Igreja dos Estados Unidos, Manuel Conceição Júnior, é que se alcançará a total emancipação, tendo sido constituída a Igreja Evangélica Presbiteriana de Portugal – integrada de muitas comunidades congregacionais que, então, a ela aderiram – e com o seu primeiro sínodo em 1952, realizado sob o estímulo dinamizador do Dr. Michael Testa, que aqui permaneceu desde 1948 a 1963.

E, em 1956, com o Pastor Manuel Conceição Júnior, devido a uma ordem de despejo, para demolição por decisão camarária do prédio da Rua de S. Bento, a comunidade passou para a Rua Tomás da Anunciação, onde ainda se reúne uma das comunidades de Lisboa.

---

## Conclusão

---

A história dos povos está pejada de singularidades. Encontramo-las como faróis, como referências orientadoras que legitimam origens e animam anseios. É da natureza das coisas e é da nossa condição procurarmos esses baluartes inexpugnáveis para nos apoiarmos e firmarmos as nossas esperanças.

Esta constatação só surpreende pela sua transversalidade. Pois, em todos os domínios em que a actividade humana se manifesta, aí, há sempre um espaço «sacralizado», com luz própria, reservado a «essa» singularidade orientadora.

O domínio da religião não só não escapa a este determinismo, como se eleva, com primazia, a espaço de eleição onde «habita ou se manifesta» a Singularidade primeira, o Transcendente.

A partir deste lugar de primazia, o homem, especulativamente, engendra transferências em que assenta outras singularidades à sua semelhança. Podem ser ideais, filosofias, pessoas ou instituições.

Através das linhas, tentámos explicar duas dessas especulações idealizadas - a de um líder (Dr. Kalley) e a de uma instituição (Presbiterianismo).

Fizemos o indispensável trabalho de nos despirmos de alguns preconceituosos informes históricos e esforçámo-nos por tomarmos como nossos os desejos do Dr. Kalley e dos seus seguidores, e, da mesma forma, assumimos os «riscos» de implantação das comunidades presbiterianas, tentando vivenciar as alegrias da protecção, do acolhimento e da congregação dos seus fiéis.

Consideramo-nos gratificados pelo testemunho de determinação, de entrega e de amor (os laicos dizem filantropia) desse farol apostólico que subiu, por opção encarnada, os calvários da Madeira e da América, deixando rastros de luz cristã que perduram.

Consideramo-nos, igualmente, gratificados pelos contributos que o estudo das comunidades presbiterianas, com as suas diversidades e multímodas convivências, nos facultaram para entendermos a diferença que existe entre a unidade e o uniformismo.

Colhemos, finalmente, o ensinamento do valor da tolerância e do humanismo, do respeito pela diferença e pela igualdade do outro, e da sua indispensável conformidade com os ideais de progresso e de harmonia para a vida dos homens e para realização das pessoas.

---

## Bibliografia

---

- AZEVEDO, Carlos Moreira de (dir.), *História Religiosa de Portugal*, 3 vols., s/l, 2000, Círculo de Leitores.
- , *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, 4 vols., s/l, 2001, Círculo de Leitores.
- CARDOSO, Manuel P., *Por Vilas e Cidades*, Lisboa, 1998, Seminário Evangélico de Teologia.
- História de Portugal em Datas*, António Simões RODRIGUES (coord.), s/l, 1994, Círculo de Leitores.
- LÉRY, Jean de, *Istoria de uma viagem feita á terra do brazil*, tradução para vernáculo, em 1877, por Tristão de Alencar Araripe, elaborada actualmente em registo electrónico pela *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, n.º 52 (80), pp. 111-372.
- NEILL, Stephen, *Missões Cristãs*, Lisboa, s/d, Editora Ulisseia Limitada.
- TESTA, Michael P., *O Apóstolo da Madeira (Dr. Robert Reid Kalley)*, s/l, 1963, Igreja Evangélica Presbiteriana de Portugal.
- VIEIRA, David Gueiros, *O Protestantismo, a Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil*, 2.<sup>a</sup> ed., Brasília, s/d., Editora Universidade de Brasília.